

**AUDIÊNCIA PÚBLICA SOBRE O CASO DE NORBERTO
NERINGH**

COMISSÃO DA VERDADE

PRESIDENTE

DEPUTADO ADRIANO DIOGO - PT

27/09/2013

COMISSÃO DA VERDADE**BK CONSULTORIA E SERVIÇOS LTDA.****27/09/2013**

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Comissão da Verdade do Estado de São Paulo Rubens Paiva, septuagésima sétima audiência pública, 27 de setembro de 2013, Auditório Paulo Kobayashi.

Está instalada a septuagésima sétima audiência pública da Comissão da Verdade do Estado de São Paulo Rubens Paiva no dia 27 de setembro de 2013, na Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, Auditório Paulo Kobayashi, para a continuação das oitivas do depoimento sobre o caso Norberto Nehring. Esclarecemos que a Comissão da verdade pretende realizar todas as sessões abertas ao público.

Bom, a composição da Mesa é a seguinte: Maria Lygia Quartim de Moraes, viúva de Norberto; Marta Moraes Nehring, filha de Norberto; Cléo Nehring, neta de Norberto; e Sofia Nehring... Está certa a ordem?

Então, vou passar a palavra para a Vivian, a Vivian Mendes, que vai fazer a leitura do memorial Norberto Nehring.

A SRA. VIVIAN MENDES – Boa tarde a todos e todas. Vivian Mendes, assessora técnica da Comissão da Verdade do Estado de São Paulo Rubens Paiva.

Norberto Nehring nasceu em 20 de setembro de 1940 em São Paulo. Era o filho mais velho de Walter Nehring e Nice Monteiro Carneiro Nehring. Morto em 24 de abril de 1970. Era militante da Ação Libertadora nacional, a ALN. Era economista e professor da Universidade de São Paulo. Maria Lygia Quartim de Moraes, sua esposa, escreveu uma pequena biografia a seu respeito.

“Norberto ficou órfão de pai muito cedo, mal chegara aos 4 anos. Foi criado, assim como seus dois irmãos, menores, pela mãe e pelos avós maternos. Durante toda a sua primeira infância, costumava permanecer por longas temporadas na praia do Guarujá, com os avós maternos, numa casa gostosa, à beira mar. Os avós paternos também moravam no Guarujá, donos de uma farmácia e de um belo chalé de madeira, onde dona Ernestina cultivava orquídeas. Norberto, desde cedo, aprendeu a cuidar das orquídeas e, até hoje, muitas delas florescem na casa de sua filha. Permaneceu até o fim um apaixonado pelo mar e pela natureza. Uma pessoa marcante na sua adolescência foi um vizinho, judeu, comunista e empresário, Simão, que lhe revelou as atrocidades nazistas, e o despertou para a causa do socialismo.

Norberto sempre foi interessado e aplicado. Estudou nas boas escolas públicas da época. Terminando o ginásio, optou por um curso técnico de Química Industrial no Mackenzie, que lhe possibilitasse trabalhar enquanto seguiria os estudos universitários à noite.

Norberto foi meu primeiro namorado, aos 16 anos. Juntos começamos a participar da vida intelectual nos primeiros anos da década dos sessenta, com os festivais da MPB – com Caetano e Gil – com as peças do Teatro de Arena, e João Sebastião Bar, sem dizer da casa de meus pais onde, em torno de meu irmão mais velho, reuniam-se diversos tipos de rebeldes da turma ‘beatnik’, constituída por Jorge Mautner, Aguilar e Artur, ao poeta ‘maldito’ Roberto Piva. Mais tarde, quando meu irmão ingressou no curso de Filosofia da USP, era ainda na casa de meus pais que se reunia, com outros tantos jovens intelectuais de esquerda da “Maria Antônia”, para ler “O Capital”. Foi a partir daí que desenvolvemos nosso projeto universitário na USP.

Em 1963 começa nossa vida adulta: Norberto já trabalhava, entramos ambos na USP (ele, Economia, e eu, Ciências Sociais) e nos casamos. Em janeiro de 1964 nasceu Marta, que Norberto queria que se chamasse Clio, em homenagem à musa da História, *Kleió*. Cléo Maria é o nome de nossa neta, nascida a 4 de maio de 1994.

Mas 1964 também trouxe tristezas: o golpe militar de 1º de abril. Fazíamos parte dos entusiastas das reformas de base, da modernização democrática. Éramos uma geração altamente politizada. Tínhamos ingressado no PCB assim que entramos na faculdade. Filiei-me primeiro, o que era fácil, na medida em que a esmagadora maioria

dos meus colegas já pertenciam ao PCB. Na Faculdade de Economia, então localizada perto da Filosofia, na rua Doutor Vila Nova, as coisas eram bem mais complicadas: a esmagadora maioria do corpo docente era de direita. Assim, os poucos alunos comunistas tentavam não ser detectados. Foi através do marido de uma colega minha, que por coincidência era colega de Norberto, que o contato com o PCB concretizou-se. Como todos os jovens de esquerda de nossa geração, tínhamos a maior admiração pelo corajoso povo vietnamita e pelo seu mais popular herói, Ho Chi Minh. A mesma admiração pela revolução cubana e por Che Guevara. ‘Criar um, dois, muitos Vietnãs’. Acreditávamos que nós tínhamos de travar nossa guerra pela libertação nacional.

Norberto militou no PCB até a ruptura do grupo Marighella. Passou, então, a fazer parte do grupo que trabalhava diretamente com Joaquim Câmara Ferreira, ‘Toledo’ ou ‘Velho’, na coordenação da ALN em São Paulo. Durante esses anos, Norberto distinguiu-se como bom aluno na Economia, progredindo rapidamente em sua vida profissional: entre 1962 e 1965 trabalhou na Brasilit, primeiramente como químico industrial e depois como estatístico. De 1964 a 1968 na Pfizer Química Limitada, primeiro como estatístico e depois, ao ser aprovado num dos primeiros cursos sobre computação no país, como programador para Computador IBM 1401. Especialmente dotado para matemática, Norberto se distinguiu na faculdade recebendo várias ofertas para ser instrutor. Em 1969 ganhou uma bolsa de estudos para a França, que não chegou a usufruir.

Uma vez formado na USP (o paraninfo de sua turma, em 1967, foi Caio Prado Júnior), começou imediatamente a trabalhar em planejamento econômico, no Grupo de Planejamento Integrado – GPI, um dos primeiros do gênero, formado por economistas e arquitetos competentes. Norberto trabalhava com Arruda Câmara, Sérgio Motta, Sérgio Ferro, entre outros. Instrutor da Cadeira de História Econômica, cuja catedrática era a professora Alice Canabrava, foi responsável pelo curso naquele ano, o que significou um esforço para quem nunca tinha antes dado aula. Também em 1968, Norberto passou a cursar pós-graduação em Economia no Instituto de Pesquisas Econômicas da USP. Ao mesmo tempo, sua militância na ALN intensificava-se. Integrava o grupo da “Casa de Armas”, dado seus conhecimentos de química e a enorme confiança pessoal que ele depositava à coordenação da organização. A presença mais notória em nossa casa era de Joaquim Câmara Ferreira, uma espécie de ‘pai político’. Para os primos e primas mais

jovens que frequentavam nossa casa, Toledo era apresentado como um tio de Norberto. E quando, nos finais de semana, com Toledo e Marta, saíamos para levantamento de áreas pela cidade também usufruíamos desses passeios em família. Norberto passou a ser o elemento de ligação com um grupo da ALN (formado basicamente por ex-egressos do PCB) da cidade de Marília. A polícia chegou a nós pela chapa do seu Volks.

Na manhã do dia 7 de janeiro de 1969, uma cena insólita perturbou a tranquilidade da vila em que morávamos: nossa casa foi cercada por um grupo de policiais do DOPS, que levaram Norberto preso. Logo que foi solto, após mais de dez dias na carceragem do DOPS, Norberto passou para a clandestinidade, sabendo que voltaria a ser preso e torturado como aconteceu com todos os acusados do mesmo caso. Muitos dos acusados estavam sendo brutalmente torturados e houve uma tentativa de suicídio numa tarde em que fui visitá-lo. Além da equipe do DOPS, Norberto foi interrogado por um policial federal, que já gozava de grande consideração entre os torturadores do DOPS, e que veio a se tornar mais conhecido no país: Romeu Tuma. Em abril de 1969, Norberto saiu do país com destino a Cuba. Marta e eu fomos a seu encontro alguns meses depois. Ele retornou ao Brasil em abril de 1970, depois de uma estada em Praga, desembarcando no aeroporto do Galeão. As circunstâncias exatas de sua morte nunca puderam ser estabelecidas.

A abertura recente dos arquivos do DOPS para os familiares dos mortos e desaparecidos, permitiu que entrássemos de posse de um documento que revelava estar a repressão brasileira bastante bem informada sobre os “exércitos dos revolucionários” brasileiros. O que me parece mais insensato, no retorno de Norberto, pelo Aeroporto do Galeão, foi o fato de entrar no país com um passaporte argentino, sendo que não tinha condições de sustentar esta identidade por problemas de sotaque.

Ficamos sabendo da morte de Norberto na França, através de uma mensagem que recebi de Toledo, segundo a qual, no dia 24 de abril, um caixão teria saído da OBAN carregando Norberto, morto na tortura, nas mãos da equipe do delegado Fleury. Um dos documentos encontrados nos arquivos do DOPS-SP é uma nota à imprensa, assinada por Romeu Tuma, confirmando a versão oficial de suicídio. Seu comportamento na prisão sempre foi exemplar: nunca revelou qualquer fato ou nome que comprometesse ou prejudicasse terceiros. Acreditava no socialismo e deu sua vida por aquilo que considerava ser o caminho da libertação do povo brasileiro.”

A versão oficial é de que se suicidou, enforcando-se com uma gravata no quarto que ocupava no hotel Pirajá, um então conhecido bordel de policiais no centro de São Paulo. Não foram encontrados a perícia de local, o laudo necroscópico e nem as fotos do corpo. A versão de suicídio consta no inquérito feito pelo delegado Ary Casagrande, onde há um bilhete que Norberto fizera à família. Buscando esclarecer os fatos, seu sogro foi até o hotel e lá soube que ali ninguém se suicidara. O próprio inquérito contribuiu para desmentir a versão oficial: na requisição de exame, consta que teria se afogado e no laudo necroscópico ali citado, mas nunca localizado, consta a informação de que a morte se dera por asfixia.

Norberto foi enterrado com nome falso no Cemitério de Vila Formosa, em São Paulo, mas a família foi comunicada apenas três meses depois. Após a exumação do corpo, realizaram seu reconhecimento através da arcada dentária, comprovando a sua identidade. Seus restos mortais foram transferidos então, para o jazigo da família.

Sua morte foi denunciada na Justiça Militar pelos presos políticos Diógenes Arruda Câmara e Paulo de Tarso Venceslau.

Na Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos, ao elaborar seu parecer, o relator Paulo Gustavo Gonet Branco afirmou que o bilhete tido como sendo de Norberto “revela estado de aflição por pressentir a captura, demonstra consciência do risco que corria e não má vontade suicida”. Buscando ganhar tempo e demonstrando certeza do que lhe ocorria, informava a família que após chegar, provavelmente em 18 de abril, viajara para Niterói, no Rio de Janeiro, Campos, também no Rio de Janeiro, Vitória, no Espírito Santo; Belo Horizonte, em Minas Gerais; terminando em São Paulo. O relator ressaltou que apesar de não haver provas irrefutáveis da morte sob a custódia do Estado, os indícios eram suficientes para a aprovação do caso, o que ocorreu por unanimidade em 23 de abril de 1996.

Essas informações foram extraídas do “Dossiê Ditadura: Mortos e Desaparecidos Políticos no Brasil de 1964 a 1985”, do IEV.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Queremos agradecer a presença da ministra do Brasil, ministra das Mulheres, professora e companheira, Eleonora Menicucci. Passo a palavra para a esposa do Norberto, Maria Lygia.

A SRA. MARIA LYGIA QUARTIM DE MORAES – Bom, eu estou muitíssimo comovida, eu me preparei 15 dias para vir aqui, mas continuo com alguma dificuldade... Na verdade, eu queria agradecer muito a você, e eu acho que a própria existência dessa Comissão da Verdade tem um impacto muito forte nessa questão do aprofundamento da democracia, porque se a gente pensar que esses fatos ocorreram há 43 anos, certo, e que só agora a gente pôde se reunir para, publicamente, em uma audiência pública falar sobre a morte do Norberto e pedir maiores esclarecimentos, porque resta muito a esclarecer, a gente vê como foi duro, que longa jornada a democracia brasileira teve e está tendo, não é, de enfrentar.

Eu até preparei alguma coisa para falar, mas eu não tinha ideia de que iriam fazer um resumo biográfico do Norberto.

O que eu queria dizer apenas, é o seguinte: eu acho que das coisas mais terríveis que a ditadura militar fez, levando em consideração, se a gente pensar entre 1964 e sessenta e.... quer dizer, foi... primeiramente eu acho que tem uma dívida com a nossa geração, porque a minha geração, nós estávamos nos preparando para viver um Brasil novo com Jango Goulart, com as reformas de base, quer dizer, havia uma coisa de alegria, certo, então 1964 foi realmente o fim de muitas esperanças.

Nos primeiros momentos da ditadura, você sabe que os atingidos foram principalmente os sindicatos, os partidos. Demorou um tempo para, digamos, começarem outros setores da sociedade. Mas a verdade é que se a gente... eu vou pegar um ano-base, que é 1968. Por que 1968 é um ano-base? Primeiro porque foi um momento na história do mundo ocidental em que no mesmo momento, com as mesmas características muito próximas, houve uma... enormes manifestações. E o que tinham essas manifestações em comum? Eu gosto muito de uma citação, uma observação que a

Hannah Arendt fez a respeito dessas manifestações, em que ela fala o seguinte: “Aquilo que eu mais admiro nessa geração de 1968 é a sua determinação em agir, é a sua vontade de agir, é a sua alegria para agir, não é, e a certeza que podem fazer as coisas por si”. Isso é, nós vamos agir, não vamos delegar a ação para outros. Então acho que essa é uma marca de 1968. É claro que 1968, que foi simultâneo, não é, não houve uma fluência, foi uma coisa na Europa, foi outra coisa nos Estados Unidos, que tinham a guerra do Vietnã, e nos países da América Latina que tinham já a ditadura, evidentemente foi uma outra coisa. Eu não tenho nenhuma dúvida de que a passagem para a luta armada realmente acirrou a repressão num certo sentido, para responder. Mas eu acho, passados todos esses anos, que aquilo que realmente transformou 1968 no ano final da... “agora acabou, não tem mais brincadeira, vamos passar para um outro patamar”, eu acho que foi aquela grande manifestação dos 100 mil. Eu acho que é uma coisa que as ditaduras não suportam são as pessoas nas ruas, não é? Então, aquela manifestação de 100 mil pessoas no Rio de Janeiro, em 1968, pedindo liberdade de expressão, liberdade de manifestação, aquilo acho que soou forte. Então, eu acho que essa geração das minhas netas, não é, que não... que não... que não... que nasceu na democracia, não tem ideia do que foi 1968 depois do Ato Institucional nº. 5.

As universidades já tinham sido invadidas, mas aí foi pior, eles cassaram nossos professores, nosso professores não podiam dar mais aulas, não é, então tiraram os direitos desses professores... foi uma aposentadoria compulsória, não é? Desmilinguaram o pouco que tinha, certo? E 1969, então, que na nossa vida pessoal, para mim e para Norberto, era o ano em que nós íamos para a Europa, para a França, se transformou em um verdadeiro pesadelo a partir de janeiro quando ele foi preso. Muito bem.

Nós, Marta e eu, nos encontramos com ele em Cuba. E aí, eu quero falar de uma outra questão, que é esse problema da mentira e de como esses regimes como a ditadura, tinham condições de falar qualquer coisa e de expor qualquer mentira sem nenhuma contestação. Então, vejam vocês. Norberto vai para... saindo da... nos despedimos em Cuba, Havana, em fevereiro de 1970. Norberto vai para Praga, que era o caminho de volta e por alguma razão, deve ter tido algum problema na organização, a verdade é que ele acabou ficando quase 40 dias em Praga. E isso teve um lado bom, porque esses 40 dias que ele ficou em Praga, a gente se correspondia. Então, o que eu

tenho são cinco cartas desse período. A última carta é do dia 10 de abril. Então, no dia 10 de abril de 1970, Norberto escreve para mim, de Praga, uma carta grande, amorosa e tal. No dia 24 ele está morto. Catorze dias depois, duas semanas depois.

Não só contente em sequestrá-lo, matá-lo, a segunda etapa – a ditadura realmente foi refinando a sua crueldade – foi matar o sentido político da morte. Então, o seguinte, não bastava enterrar sob outro nome, tinha também, depois, de dar uma outra versão, desqualificando a versão. Então, qual era a versão? A versão era a seguinte e aí, acho que é um livro imperdível que é o da Beatriz Kushnir que chama-se “Cães de Guarda” para a gente ver o que foi o papel da imprensa não é, no apoio à ditadura. Bom, o que aconteceu? A “Veja” publica uma matéria asquerosa. E qual era? Veio inteirinha... Quem é que fez a versão? Romeu Tuma, que mandou... Então era mais horrorosa, porque dizia o seguinte, que há dois anos o Norberto estava desligado, perdido em São Paulo, desligado da Organização, sem apoio de ninguém. Dois anos. O ano anterior tinha estado preso na própria polícia, quer dizer, era de um escárnio, é um escárnio, aquela versão é um escárnio. E aí ele se suicidou em um hotel, ele tinha o escárnio da... “gravata amarela”. E não só isso, como esse foi o óbito. Era esse o óbito que eu tinha do Norberto, não é? E aí, com a retificação, que não era... era Ernest e o nome dele era Norberto e coisas assim. Bom.

Quando eu voltei para o Brasil, cinco anos depois, foi um longo esforço para a gente recuperar a verdade, era difícil. E por isso é que eu acho que, digamos... eu sou extremamente grata, não é, às pessoas que estão aqui, porque essas pessoas que estão aqui foram as pessoas que viabilizaram esse caminho, então, por exemplo, eu acho que seria impossível, não é, a gente, não é, ter conquistado uma série de coisas, se não fosse a comissão... dos familiares, essa Comissão da Verdade foi fundamental, e eu acho olha.. tirou da minha boca, mas enfim, eu acho que a Amelinha, assim, é o... não é? Eu brinquei que ela está velhinha, e que ela não pode perder energia porque senão as coisas não avançam, não é? Então, tem a Amelinha. Houve também, acho que é importante dizer, com toda a minha antipatia, horror à Igreja Católica, tenho de reconhecer que Dom Paulo Evaristo Arns, foi essencial, e a Comissão de Justiça e Paz, não é, e o Belisário dos Santos. Porque depois, digamos, que o primeiro passo foi dado, saiu o dossiê, que havia todas as comprovações, tratou-se de saber como é que você, juridicamente, fazia os caminhos para chegar... não é? Então, a primeira etapa: vamos

reconhecer que os desaparecidos realmente foram mortos e vamos dar um atestado. Vamos reconhecer que aqueles que ficaram desaparecidos algum tempo também foram... também foram desaparecidos. Logo... Então foi todo um trabalho para ir aumentando a abrangência da Comissão. Bom, vocês conhecem a história contemporânea. Eu só quero dizer o seguinte: foi dos melhores alívios da minha vida foi o dia que saiu o reconhecimento da morte do Norberto e, melhor ainda quando, no escritório do Rubens, não é, que me ajudou a fazer o dossiê, esses dossiês são tão importantes, nós conseguimos também mudar o óbito. Agora eu quero mudar o óbito de novo, porque este óbito primeiro diz que morreu em dependências...

A SRA. – Em dependências policiais assemelhadas, de causas não naturais.

A SRA. MARIA LYGIA QUARTIM DE MORAES – (ininteligível 22:39)

A SRA. – De causas não naturais, em dependências policiais assemelhadas.

A SRA. MARIA LYGIA QUARTIM DE MORAES – E a gente quer que saia o que aconteceu, DOI-CODI Tutóia e... não é? Não é difícil saber quem eram as equipes que estavam... Norberto chegou no Brasil em, digamos, entre 20 e 25 de abril. Quais eram as equipes que estavam lá torturando? Para nós foi dito que era a equipe do Fleury. Alguns me disseram que não, que a equipe do Fleury não torturava no DOI, então... não é? Então provavelmente foi a equipe do Ustra. Então, assim, é isso o que eu quero saber. Você acha que foi o Ustra também. É.

SRA. – Eu tenho certeza.

A SRA. MARIA LYGIA QUARTIM DE MORAES – Não, foi o que me disseram. É isso o que eu estou dizendo. Esse relato que tem aí foi dos primeiros que a gente foi fazendo.

A SRA. MARIA LYGIA QUARTIM DE MORAES – Claro. Brigavam até. Está certo. Então. A questão é essa. Precisamos saber disso. É importante essa... essa questão da verdade.

E outra coisa que eu acho que a gente tem de enfrentar é o seguinte: é o medo. Porque das coisas que mais me chocaram quando eu voltei para o Brasil foi o medo que as pessoas tinham. Havia o medo. Quer dizer, o terrorismo do Estado não foi só para matar os oponentes. Foi também para causar um ambiente de medo. As pessoas tinham medo. Eu tinha ficado cinco anos fora, tive o privilégio de não... cinco não, seis anos, então, eu achei chocante quando eu voltei, as pessoas falavam tudo mais ou menos, não podiam se encontrar mais de não sei quantos, não é, quer dizer, havia um clima de medo. Então, assim, esse clima de medo impedia de avançar muito. Você se lembra no começo, que você falou da Comissão de Anistia? “Os militares não permitirão”. Marighella, se lembra, Clara? “Marighella nunca!”. “Não aceitaremos Marighella, não aceitaremos Lamarca”. Foram aceitando, foram aceitando. Agora me digam, o que custaria, não seria de uma grandeza enorme o Exército chegar e dizer “Olha, houve excesso sim, foi praticado tal... pedimos desculpas, certo, queremos pacificação em cima do “desculpa”. *Hã?* Certo? Quer dizer, não pode... E porque isso não acontece a impunidade continua. Certo? Então assim, acho que tem uma herança aí, não é? A gente tem de caminhar muito ainda. Certo?

Todo mundo sabe que a justiça de transição tem três pilares, que é a reparação, a reconstituição e a apuração e punição. Aqui no Brasil, nos limitamos à questão da reparação financeira. Não é? Não é o que eu quero. É pouco. Eu quero é a verdade. Não é? E quero a verdade e acho que o país precisa dessas verdades. Não é? Então é

abominável que o Exército não entregue a documentação. É abominável que o Bolsonaro... “Bolzonaro”, Bolsonaro tenha condição de fazer o que ele fez lá no Rio, não é, de bater em um senador, de dizer “Se eu tivesse batido mesmo, teria acabado com você”, quer dizer o que é isso, não é? Olha que violência, o cara não tem nem o (ininteligível 25:47) da violência. Então eu acho assim, se alguma coisa eu posso dizer é o seguinte, a gente tem de enfrentar esse medo, não é, enfrentar essa impunidade, certo? É o que resta desses 43 anos de luta. E ao mesmo tempo eu queria dizer olha, muito pessoal... assim, quero agradecer a vocês todos que vieram. Todo mundo sabe que não é fácil uma sexta-feira vir aqui na Assembleia, com trânsito. Então assim, estou muito comovida, certo, não consegui nem ler o que eu tinha escrito, também não tem importância, porque eu acho que é mais importante dizer isso, sabe, que estamos aqui, na verdade, para uma cerimônia de adeus. (Palmas.)

A SRA. – Companheiro Norberto Nehring.

PÚBLICO – Presente.

A SRA. – Agora.

PÚBLICO – E sempre.

A SRA. MARIA LYGIA QUARTIM DE MORAES – Nos meus 70 anos tive o privilégio que cantassem para mim "A Internacional". (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Quem começa? É a Cléo, então? Vamos lá. Cléo Nehring.

A SRA. MARIA LYGIA QUARTIM DE MORAES – Então, eu pedi para a Cléo ler...

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Maria Lygia.

A SRA. MARIA LYGIA QUARTIM DE MORAES – ... para a Cléo ler o documento em que a gente faz a solicitação formal para a Assembleia.

A SRA. CLÉO NEHRING – À Comissão da Verdade Rubens Paiva da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo. A viúva Maria Lygia Quartim de Moraes, a filha, Marta Moraes Nehring, e as netas, Cléo e Sofia Nehring Dobberthin solicitam à Comissão da Verdade Rubens Paiva da ALESP o esclarecimento sobre as circunstâncias exatas do assassinato de Norberto Nehring. Já houve reconhecimento da Comissão de Anistia, publicado no Diário Oficial da União, Decreto nº. 2318 de 5 de setembro de 1997, que sua morte ocorreu em dependências policiais ou assemelhadas, possivelmente no 24 de abril de 1970. Sabe-se também, por

informações fornecidas por outros presos, que seu corpo saiu do DOI-CODI na rua Tutóia. Dado o fato que são conhecidas as equipes que ali estavam se revezando na criminosa atividade de torturar e assassinar oponentes políticos, a família exige saber a identidade dos torturadores em atividade entre 21 e 25 de abril de 1970. Este reconhecimento comprometeu o Estado Brasileiro a dar prosseguimento às diferentes etapas daquilo que hoje se define como justiça de transição. Estabelecer as circunstâncias precisas da morte e a identificação dos agentes criminosos é uma dessas condições essenciais da transição. E finalmente, julgar e punir todos aqueles envolvidos com atos de violência extrema contra os oponentes políticos do regime militar. Neste sentido, solicitamos também que seja expedido novo testamento de óbito em que seja substituída a forma “morte por causas não naturais” por “lesões e maus-tratos”, constando igualmente o local onde a morte ocorreu. Aí tem “mudanças no atestado de óbito”, “causa da morte”, “lesões e maus-tratos”, “local da morte DOI-CODI”, “Destacamento de Operação de Informações”, “Centro de Operações de Defesa Interna, rua Tutóia, 921, São Paulo, São Paulo”. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Falou a Cléo, agora é a Sofia.

A SRA. SOFIA NEHRING – Então, eu queria falar que assim como a minha mãe, eu também perdi o meu pai muito cedo, quer dizer, eu tinha o dobro da idade dela e é muito difícil você não poder passar com o pai esses momentos, adolescência, o casamento, os filhos, que um dia eu ainda vou ter, a faculdade, essas coisas. Mas teve uma diferença: eu tive a oportunidade de me despedir simbolicamente do corpo do meu pai, através dos rituais que teve, assim, o enterro... E foi uma coisa que a minha mãe nunca teve oportunidade. Até hoje. Então acho que hoje é o dia em que ela vai conseguir se despedir simbolicamente do corpo dele, porque acho que ela nunca vai se despedir da alma, ninguém nunca vai se despedir. E acho que isso vai ser muito importante para ela, que era um peso para ela até hoje, 43 anos depois ela vai conseguir tirar esse peso das costas dela. (palmas)

A SRA. MARTA MORAES NEHRING – Bom, eu fiquei muito na dúvida, foi difícil pensar no que eu ia conversar com vocês aqui, aí hoje eu tive um sonho. Durante a noite eu acordei de madrugada, depois eu consegui dormir. E nesse sonho... Era um sonho estranho, como todo sonho na verdade, que era assim, a gente estava em um lugar e que era um pouco antes de vir para cá e aí tinha um monte de gente e as pessoas chegavam e eu levei uma mala e eu estava preocupada, “Onde eu deixei a mala?”, “Onde eu deixei a mala?”. E aí era estranho porque as pessoas ao mesmo tempo chegavam com presentes, com pacotes de presentes. E eu acordei pensando “Gente, mas que sonho mais bizarro, né, eu tinha que vir para cá e aqueles presentes todos”. O Mário me ligou para perguntar como eu estava. Na hora em que eu comecei a falar com ele, eu me toquei sobre o que estava acontecendo.

Esse sonho na verdade é o sonho onde eu revivi o último dia em que eu vi meu pai no Brasil. Foi o dia do meu aniversário de 5 anos de idade, na casa dos meus avós, e que... Era um aniversário, tinha presentes e quem estava aqui da família há de se lembrar, e que lá pelas tantas alguém me chamou: “Marta tem uma surpresa para você” e era o meu pai, que tinha fugido da prisão, estava indo em direção a Cuba e ele estava ali, eu lembro, acho que no quarto da minha avó, não é isso, de camisa vermelha, assim. E aí eu entendi porque eu sonhei aquilo hoje. Porque na verdade, hoje, como a gente está dizendo, a Sofia falou isso, hoje a gente estava fazendo o velório, o enterro, a missa de 7º. dia, porque realmente a gente não teve isso, mas de modo algum. E ficou... Isso ficou até agora. É muito forte essa ideia... Eu falo bem em público, mas está difícil. Realmente não está fácil. E, ao mesmo tempo, é engraçado porque de fato, hoje, a gente está se despedindo dele, se despedindo dele de um jeito digno, que é como tem que ser, não é, e não aquela coisa horrível, essas notícias truncadas, não é, informações equivocadas.

Então, o que eu queria também é falar que tem muita gente da família aqui, e é bom reencontrar, tem minha prima Mônica, o Dudu, que é primo-irmão, tem a Marilu, enfim, não vamos falar todo mundo que eu vou engasgar aqui, estou muito emocionada e na verdade isso é também uma cerimônia familiar, de um enterro que a gente não conseguiu fazer, a gente precisava fazer isso. E eu lembro quando eu voltava durante o exílio para o Brasil, que elas me acolhiam, que eu passava as férias na fazenda com aquele bando de primo tentando dar uma força, dar uma animada, a Mônica também, e

todos tentando... e essa dor, essa perda, foi de todo mundo, a família inteira ficou com esse corpo insepulto, essa é que é a verdade, não é? E aí o meu pensamento agora vai para os meus avós, para as minha tias que já morreram, o meu tio Sérgio, irmão da Mônica, que já morreu, e que não vão ver isso, mas que eu gostaria de poder transmitir a quem não pôde vir aqui, ou porque mora longe, ou porque não está ou está trabalhando que a gente vai conseguir fazer isso, a gente está conseguindo, a gente está fechando essa história, não é? E isso é o lugar daquela criança de 5 anos de idade que viu o pai... que se despediu do pai hoje à noite. E agora tem a outra filha, esta que vos fala, que é uma senhora, cujo genro já tem praticamente a idade que meu pai tinha quando morreu, não é? Então, olha o tempo que passou, não é?

E aí, o que eu gostaria de ponderar é em relação ao legado, porque o que a falta que um pai faz, bom, faz, isso a Sofia colocou, a Cléo colocou na petição que ela leu, agora o que eu acho que o meu pai deu o exemplo, para mim que é que a luta vale a pena. Porque quando a gente começa a lutar, você nunca sabe o que vai acontecer, não é, se você vai ganhar ou não, é um risco. Quando você tem algo no qual você acredita, nada te garante que no final do caminho você vai conseguir. Mas que a luta vale a pena, vale a pena lutar, não é? E nesse sentido, eu acordei bíblica hoje, é engraçado, ainda que eu ache que a trajetória do meu pai é muito mais tragédia grega do que Bíblia, mas enfim, eu acordei bíblica e o que me ocorreu uma comparação com a história do Davi e do Golias, que é acessível, que é a seguinte, não é? Assim, tipo, poderia ter perdido, certo? Agora... tinha que ter lutado. Não é?

Se a gente pensa na escala do que estava em jogo naquele momento, não é, considerando que hoje já estão sendo exumados os cadáveres de dois presidentes do Brasil, Juscelino e Jango, de que na época, não foi só a ditadura no Brasil, foi ditadura no cone sul inteiro, que provavelmente o Pablo Neruda foi um dos que foram mortos logo depois do golpe do Chile, envenenado, apesar de que ele estava doente, ele não morreu da doença dele, isso está sendo provado agora. Fora aqueles exemplos que a gente conhece, o Letelier explodindo em... Eram pessoas do Governo Chileno que foram assassinadas, fora o próprio Allende ali no La Moneda, não é? Quer dizer, era um jogo realmente muito grande, não é? E que se a gente for pegar em uma escala de poder, tinha que os militares no Brasil, Médici que era o general, aí tinha os apoiadores da ditadura, parte civil, aí depois tinha os americanos que fizeram o golpe, não é? E aí

quem que a gente vai culpar, o Kissinger, o Nixon? Não. Vamos culpar então a última escala da cadeia de comando, que são aquelas 15 famílias que têm as corporações que apoiaram, enfim. Mas na verdade, assim, na minha escala pequena, eu acho o seguinte, tem no Brasil, nesse momento, psicopatas à solta. Porque esses torturadores faziam isso com prazer, a gente sabe. Ninguém vai arrancar pedaço de ser humano nenhum se não vê nisso uma graça. Não existe. Esses caras torturaram crianças, estupraram, mataram, esses caras estão à solta. Não pode. Não pode. Eu tenho medo. Essas pessoas estão na polícia, estão no Exército, não pode. Tudo bem, a gente não vai conseguir mandar o Nixon para a cadeia, não é, talvez a gente não consiga, em algum momento, na história, talvez... *Hã?* Ah, sim, está morto, nem o Médici, mas a gente consegue pôr o Brilhante Ustra na cadeia, esse cara não pode ir na televisão negar o que fez, e o pior, dizer que não se arrepende do que fez. Não dá. Entendeu? Não dá. Psicopata à solta é perigo público. Não pode. E nos assusta a todos. Não é à toa que o Brasil continua uma sociedade com medo, porque esses caras estão à solta. Não é?

E a questão do medo, eu acho que ela é muito forte, porque o seguinte, quer dizer, o medo é um pouquinho como quando você joga uma pedrinha ali na água e provoca aquelas ondas em volta, não é? O epicentro do medo somos nós, a família. Ou é quem é torturado, ali, que sofreu aquilo ali na carne, não é? Mas as outras ondas... As outras ondas também são afetadas, quem está ali, no lago, onde quer que essa pedra tenha caído, é afetado, não é? E em graus diferentes, então o que é que acontece? O Brasil até hoje carrega essa marca do medo. E essa marca do medo é uma marca histórica, porque desde a época da escravidão não se castigou capataz. Na ditadura do Getúlio Vargas não se castigou torturador. Isso, e você tem uma polícia que continua achando que tudo bem. E que é criada na lógica de que tudo bem. De que não vai acontecer nada. De que você pode sumir com o cara, com o Amarildo, com quem quer que seja, com o Norberto, com o Amarildo, com o Toledo, com qualquer um, você pode sumir que tudo bem. Não é? Então, eu acho que tem um exemplo muito forte que foi o exemplo da minha mãe, a qual eu agradeço, que foi seguir em frente. Ela ficou viúva jovem, estava no exílio, uma vida que a gente podia... e é engraçado até, porque na hora que a gente fez o texto, eu fui preparar o texto que está no cartaz, uma das frases que eu coloquei foi assim “A gente poderia ter sido uma família feliz”. Aí as meninas protestaram, com toda a razão: “Mas, mãe, nós somos felizes”. Como assim, não é? E eu pensei, claro, mas o que eu quis dizer, porque eu acho que também isso tem que ser

dito, não é, que graças a Deus, viu, acordei bíblica hoje... Assim, ainda bem que a gente não olhou para trás... fazer que nem a mulher de Ló, que vira uma estátua de sal, não é? Todo mundo aqui sofreu em maior ou menor grau e seguiu adiante. E isso é maravilhoso, seguir adiante, por isso que a gente está aqui, ainda bem que seguiu-se adiante. Ainda bem que, não é, e seguir adiante, não significa jamais esquecer. Seguir para frente é uma coisa, esquecer é outra. Então assim, a gente não esquece. Não é porque a gente celebra a vida, não é porque a gente está feliz, não é porque a gente vai continuar indo em festas, se divertindo, celebrando e se encontrando, e amando uns aos outros, porque a gente se gosta, tanto é que estamos aqui, isso aqui, não é?

Isso aqui é uma celebração de amor, gente, desculpa, mas tem família, tem os amigos queridos, não é, é um ato político, é, mas é um ato de coração. Não é qualquer ato político, não é, a gente não está aqui... Ainda que todo mundo aqui tenha as suas bandeiras, as suas... o que acredite, é um ato político, mas é um ato de memória afetiva, porque isso também é necessário. Isso também é necessário. Agora o que eu gostaria de dizer é o seguinte, é que... espera aí que agora... Eu acho que eu gostaria de fechar é que... não fechar, mas exatamente dizer isso é que a gente faz uma homenagem, mas eu acho que hoje a gente conseguiu enterrar meu pai. Dar um enterro digno a ele, que ele não teve quando foi morto. Mas isso não significa que acabou. Não significa. Eu acho que tem a busca pelos culpados, sim, tem a condenação desses culpados, sim, porque eu acho que a gente merece isso. Ninguém no Brasil mais merece ter medo. A gente não merece ter medo da polícia. A gente não precisa disso, é provado que a gente não precisa disso, não é? Então é assim que eu gostaria de encerrar. Agradecer muito a vocês todos, de coração, que conseguiram chegar aqui hoje, e dizer que nós seguiremos adiante, a gente ama vocês, obrigada. (palmas)

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Eleonora Menicucci.

A SRA. ELEONORA MENICUCCI – Bem, boa tarde a todas e todos. Eu quero de coração dizer para a Ia, para a Marta, para a Cléo e para a Sofia, que eu estou aqui em nome meu e da Maria, não é, vim representando-a, e me representando, não é? E eu hoje digo com muita tranquilidade, estou como ministra de Estado, eu estou como ex-presa política, militante e amiga de vocês quatro. Então, essa homenagem ao Norberto é sobretudo uma homenagem à luta dele e à nossa luta, da nossa geração. Anteontem eu estava no Senado Federal, no lançamento do livro do Beto, do Breno, do Carlos Alberto Soares de Freitas, "Seu Amigo Esteve Aqui", que foi organizado pelo casal Capiberibe, e pelo Sérgio Ferreira e mais um tanto de outros. E estava lá o Randolfe, o senador Randolfe, que protagonizou o evento que a Ia falou do Bolsonaro no DOI-CODI, não é? E eu disse a ele que ele tinha lavado a alma de toda uma geração ali. Isso complementando e reforçando o que vocês disseram.

E também estava junto com a presidenta Dilma, no dia do Congresso Nacional, quando nós duas recebemos da Comissão Mista de Parlamentares de Violência Contra a Mulher, do Senado e da Câmara, recebendo relatório da CPMI e era exatamente na semana do lamentável incidente da transferência do boliviano para cá. E ela me disse: “Eu vou dar uma entrevista, você vai ficar calada, vamos ficar de mãos dadas, mas você vai ficar calada, porque eu sei que você vai querer falar”. E foi quando ela disse que a comparação que o diplomata fez da embaixada boliviana, as dependências da embaixada, com as dependências do DOI-CODI, ela desmentia veementemente porque ela esteve lá no DOI-CODI e jamais nenhuma embaixada do Brasil ou de qualquer outro supostamente democrata país, tem as mesmas condições que tem o DOI-CODI não é? Então, eu acho que é muito importante nomear DOI-CODI. Porque ele tem uma representação não simbólica, uma representação concreta de tudo isso que vocês disseram aqui, e que eu concordo, ele é nomeado desde a Presidenta, até qualquer pessoa, ele tem que ser nomeado.

Foi lá que aconteceram a maioria dos assassinatos, das torturas, de tudo. Evidente que não era só lá. Mas tem que ser nomeado porque lá é figurativo, falar no DOPS, onde a equipe do Fleury ficava, onde aconteceu o bárbaro assassinato do Bacuri e de outros tantos, não é, que a Amelinha e eu sabemos muito bem o que é ficar no DOI-CODI e no DOPS, não é?

E dizer, Adriano, que a Comissão Da Verdade de São Paulo tem sido exemplar. Eu estive dando um depoimento na de Pernambuco, por causa dos assassinatos da AP, não é, o Gilberto Prata Soares tem envolvimento nisso e eu estive dando depoimento e vi a repercussão que esta comissão aqui tem para as outras comissões. Então, eu não tenho dúvida que você, na sua liderança, na liderança da Amelinha, e de todos os outros aqui, têm feito a diferença.

Então eu quero... Não vou me alongar, não tenho que alongar, o que dizer. Só dizer Ia e Martinha, que a minha presença aqui eu acho que fala mais do que qualquer palavra, que eu possa dizer. Então, recebam meu e da Maria, por tabela do Gustavo também, um enorme beijo, um enorme abraço, uma enorme solidariedade a todas porque a Marta e a Maria protagonizaram um dos mais belos testemunhos de tortura sobre crianças no filme “Quinze filhos”. É um filme que precisa ser mais divulgado, embora esteja no “YouTube”. Todas as entrevistas que eu dou, mesmo como ministra, sobretudo como ministra, muitas pessoas não sabem, não viram. Então tem que ser divulgado, é um filme espetacular para o testemunho de vocês que eram crianças. E no momento em que vocês fizeram que as crianças não tinham o espaço das Comissões da Verdade para falar. Eu lembro muito bem quando você e a Maria foram no programa do Juca e depois no Jô. Como foi impactante vocês duas, duas jovens falando lá, e que eram crianças que sofreram. Porque hoje, eu recentemente vi o filme, que eu ganhei da Comissão da Anistia, “Repare bem”, da Denise Crispim e do Bacuri e da Eduarda, que é maravilhoso, belíssimo, mas se pode fazer agora, naquela época vocês foram muito corajosas, não é Amelinha, de fazerem... muito corajosas.

Me lembro quando foi passado na UNICAMP, em que nós duas ficamos lado a lado, de mãos dadas, chorando. Porque nós duas não tínhamos visto, não sabíamos o que havia ali. Não, você estava, nós três estávamos lá, ah é, as três de mãos dadas, não mas o alemão bate de vez em quando, o Alzheimer. É. Então foi maravilhoso e você... Se nós fomos ousadas, na nossa época, seu pai, que merece todas as homenagens, todas, com letra maiúscula, não é? A Clara sabe disso. Vocês duas ao fazerem, e os 13 que participaram do filme... Não, com as duas, 15. E as 13 que deram depoimento, merecem todas as nossas homenagens também, porque vocês foram muito ousadas para fazer isso, vocês fizeram uma catarse. Porque hoje falar nas Comissões da Verdade, tem um certo aparato legal que nos protege. E naquela época não, que vocês fizeram. Então, por

favor, divulguem o filme, vejam o filme, quem não viu, não é? É um filme maravilhoso, um filme que conta de coração, a partir deles o que foi ser criança naquela época. E serem presas, perderem os pais, as mães, serem torturados e torturadas e o que essas crianças viveram e o que ficou para elas, não é?

Então, eu homenageio vocês e digo, Adriano, que é muito bom estar pela segunda vez aqui. Na primeira, homenageando a Inês Etienne, porque se tem o livro do Beto, é porque teve a coragem da Inês Etienne de denunciar a Casa de Petrópolis e a Casa da Morte, não é? Senão, não teria o livro do Beto, “Seu amigo esteve aqui”. Isso foi quando ela estava na máxima da tortura, torturada, arrebatada, o torturador disse para ela: “Quer saber notícias do seu amigo? Ele esteve aqui”. É esse o título. A origem, o título tem... O título do livro é a frase de um torturador para ela. “Seu amigo esteve aqui”. Então, eu acho que essa homenagem aqui, Martinha, não é a homenagem de um enterro. Está celebrando o enterro dele também, mas está celebrando a vida do Norberto e que a vida do Norberto seja testemunha exemplar para toda essa geração que está vivendo a democracia e para consolidar cada vez mais a democracia em todos os seus aspectos. Então, um abraço muito grande, um beijo, e Adriano, parabéns. Um grande abraço. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Pessoal, eu só queria dizer o seguinte... Primeiro eu queria falar da composição da Comissão, senão parece uma coisa individual, aquela coisa do personalismo que eu abomino.

Quando o Ivan Seixas me procurou, havia sido mandado o projeto de lei para a Câmara Federal, para criar a Comissão Nacional da Verdade, o Ivan me procurou e falou: “Vamos fazer a Comissão Estadual da Verdade?”. E eu falei: “Ivan, mas não criou nem a Nacional, bom, vamos criar”. Fizemos um projeto aqui, uma lei interna, de projeto de resolução, criou a comissão. Aí veio a Amelinha, veio a Thaís Barreto, aquela jovem, sobrinha do Zequinha Barreto lá de Brotas de Macaúbas, veio a Vivian, o Koba, o Renan, formou um grupo ótimo, maravilhoso.

Aí a Amelinha falou: “Adriano, vamos publicar a sentença da Corte Interamericana como um marco da possibilidade dos torturadores serem punidos”. Aí tinha sido aquela semana em que a Vera Paiva tinha ido lá para Brasília, deu todo aquele problema que ela não pôde dar entrevista. E com a proximidade que a gente tinha com a Vera, botamos o nome do Rubens Paiva na Comissão Estadual.

Aí foi o seguinte, foi uma maravilha, porque em que pese todas as dificuldades que a Comissão Nacional está tendo, todos os empecilhos, é como se fosse um enorme envolvimento popular, começaram a aparecer nas universidades, nos sindicatos, nas prefeituras, nas Câmaras, as tais Comissões da Verdade. Então, pessoal, lógico que além dessas pessoas que eu falei, a gente tem desde a Clara, que com toda a idade dela, as dificuldades, mas ela não perde uma, isso é um exemplo, um exemplo de dignidade. Tem a Marluce Moura, tem a Crispim, quem mais que eu estava olhando aí, bom, e tem o Paulo Vannuchi, o Paulo Vannuchi, que está aqui conosco. Nosso querido Paulo Vannuchi, que falta que ele faz lá. Mas então... Que falta. Que dificuldade, não é, Amelinha? Mas não há de ser nada. Aí virou até consultório da consciência (ininteligível 57:05) se cura.

Bom, Celso, a vida é dura. Celso Sim, nosso companheiro, que está agregando o time. Olha, tudo o que você escreve, à distância eu acompanho, sabe? Pois até um dia, queria que você comentasse o jeito que você vê a cultura e a coisa que você... Que legal que foi fazer essa sessão hoje. Que semente que o Norberto deixou com vocês todos, com você, seus filhos, suas netas. Acho que vale a pena lutar, e um dia esses caras, um dia o Brasil vai permitir que nós possamos processá-los. Pode ser que não seja nem a nossa geração, pode ser que sejam as suas netas, mas nós vamos contar essa história e o Ustra, o Tuma, o Bolsonaro, todos esses assassinos confessos serão julgados pela história. Nós não tivemos chance de fazer o nosso tribunal, mas outras Hannah Arendt virão aí e nós vamos julgar essa história e vamos jogá-los no lixo. Parabéns. Muito obrigado. (Palmas.)

A sessão está encerrada.

Ah... tá bom. Vocês haviam pedido um certo... Nós vamos abrir sim, a sessão está reaberta. (Risos)

A SRA. – Algumas pessoas talvez queiram falar. O Juca quer falar.

O SR. PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Isso. O Juca. Ótimo, ótimo. *Tá bom.* Eu pensei que vocês é que quisessem uma coisa... Então *tá bom*, vamos passar a palavra. Então, vamos manter a dignidade. Juca, desculpa, é que no começo elas me pediram tanto rigor, tanto rigor...

O SR. JUCA KFOURI – Eu prometo que também vou ser rigoroso, Adriano, primeiro te dando os parabéns por todo esse trabalho magnífico, segundo, para agradecer todas as pessoas que falaram depois da minha afilhadinha, porque eu confesso a vocês que a gente tinha combinado que eu falaria, faria uma homenagem ao Norberto, e eu que vivo dessa coisa de escrever e de falar, eu produzi nos últimos 15 dias, como a Ia, diversos textos na cabeça para pôr no papel, mas todos os textos que eu produzi na minha cabeça, na terceira linha eu começava a chorar e eu dizia: “Eu não vou ser capaz”. Então, eu resolvi que eu não ia escrever nada e que eu ia fazer um improviso a título de tentar homenagear esse meu compadre.

Começar por dizer que eu tenho um profundo orgulho das orquídeas que ele criou. Basicamente essa afilhada aqui que, como disse a ministra Leo, fez o filme que fez com a coragem que teve. Fruto mais belo é impossível. Mas o Norberto e eu temos uma história que eu me permito contar, digamos, menos revolucionária. O Norberto foi o ídolo da minha infância. Ali pelo começo dos anos 1960, quando eu tinha 10 anos e ele 20. Foi o ídolo do fim da minha infância. Foi o ídolo de toda a minha adolescência. E foi o ídolo do começo da minha vida adulta. Além do mais, o danado do alemão era bonito. Era muito bonito. E namorava e casava com a minha prima mais querida. Que era linda, a Ia, como é, até hoje. E estão aqui, a afilhada e as netas para comprovar. E não sei porque cargas d’água, talvez eu fosse um adolescente precoce, mas o fato é que

a gente se dava muito bem, ele já gente grande. E um belo dia eu sou visitado na casa dos meus pais pela Ia e pelo Norberto, para dizer que a Ia estava grávida e que eu seria o padrinho do neném. E eu não tinha completado 14 anos. Falei: “São malucos. Essa gente é doida”. E confesso a vocês que depois, embora eu tenha tido quatro filhos e duas netas também, eu nunca contei tanto, nunca achei que nove meses demoraram tanto quanto daquela gravidez da Ia, pela graça de ser padrinho de um bebê que ia nascer.

E no Natal daquele ano, 63, ali pelo dia 20, 21, o Norberto me procurou para me propor que no fim de semana fôssemos juntos comprar o presente da Ia. E nós fomos. Já existia o Shopping Iguatemi, mas nós fomos à rua Teodoro Sampaio. O Shopping Iguatemi era muito caro. E lá compramos aquilo que eu considero o vestido mais lindo que eu já vi na minha vida. Eu tive que fazer uma certa pesquisa com a própria agraciada, para lembrar exatamente, porque eu dizia para a minha mulher que eu achava que o vestido era de fustão, e ela dizia “Mas não pode ser de fustão”, e era de linho. Era um vestido amarelo de linho, lindo, de alça. E eu me lembro, falando com o Norberto, dizendo: “Norberto, é pequeno esse vestido para a Ia”, e ele dizia “Não, o manequim dela é 42”, “Então vamos comprar 44”, “Não, Juca”, “Mas ela está grávida, não vai poder usar esse vestido”, “Não, não é para agora, é para depois que o neném nascer”, e eu dizia: “Norberto, mas depois, normalmente, as mulheres...” – e eu com 14, 15 anos e ele... Aliás, eu ia fazer 14 e ele um adulto. Não, eu já tinha mais, óbvio, eu tinha 14 anos – “Norberto, mulheres depois que dão à luz ficam um pouco maiores...”, “Não, você não conhece a sua prima, vai ficar exatamente como era, pode ficar sossegado”. E de mais a mais, não tinha modelo 44. Só tinha aquele amarelo, 42, de linho. E nós compramos. E foi uma enorme frustração saber, pouco depois que a Marta nasceu, que a Ia tinha trocado o vestido, tinha nos traído e trocado o vestido por um outro vestido que ontem ela me relatou, um vestido com botão na frente, para ela pode amamentar. Uma traição incomensurável.

Bem, a vida seguiu, não é, e as coisas aconteceram como aconteceram.

O que, eu confesso, eu menos me conformo nessa história, é que quando o Norberto estava naqueles dias desesperados aqui no Brasil, sem procurar ninguém, e eu quero lembrar, há duas frases na carta que ele deixou para a Ia e para a Marta, que são magníficas, que são dignas, e eu sei que não há nenhum exagero, de um poeta, porque

ele disse “A vida é uma senda estreita, quem pisa fora, morre”, e diz também que “Foram a sensibilidade e a indignação que nos trouxeram para esta luta”. (Palmas.)

E ele dizia que não podia procurar ninguém, com o senso de responsabilidade de quem não queria botar ninguém em apuros. Ele não sabia, e nem podia saber, que, naquela altura já da minha vida, eu, de alguma maneira, em um esquema de auxílio da ALN, já tinha posto duas pessoas para fora do Brasil e estava a caminho de ajudar a por mais três. E eu não me conformo de ele não ter me procurado. Durante muito tempo depois da morte do Norberto, antes de dormir, eu pensava: “Se ele me procurasse, certamente a gente o tiraria daqui”. Eu não me conformo. Eu fazia planos mirabolantes. A gente ia pegar uma moto, ele ia avisar “Estarei em tal lugar”. Eu durante muito tempo... durante muito tempo, durante menos tempos do que gostaria, dirigi para o Velho Toledo. Invariavelmente, o Toledo marcava comigo os pontos no mesmo lugar onde, eu soube depois, o Norberto marcava os pontos, ali perto do Mercado. E eu imaginava, se o Norberto me ligasse, “No lugar de sempre, ao meio-dia, na terça-feira”. E alguém habilidoso com uma moto, na minha cabeça, passaria, pegaria o Norberto e aqueles quatro ou cinco que andavam do lado dele não teriam tempo de fazer nada e a gente o tiraria do país. Isso me alimentou e me atormentou muitos anos.

E vejam como são as coisas, no dia em que nós soubemos da morte do Norberto, como sói acontecer na minha vida, as coisas sempre têm uma explicação, jogavam Brasil e Checoslováquia na Copa do México. Estreia do Brasil. Eu estava na casa dos meus pais, vendo o jogo com meus irmãos, meu pai, meus amigos. Tocou o telefone na minha casa. Me lembro do meu pai dizendo: “Mas quem é o alienado que está ligando aqui a essa hora?”. E a minha mãe atendeu. Imagina se algum de nós ia atender o telefone com o Brasil e Checoslováquia na televisão. E eu me lembro da minha mãe atender o telefone de maneira muito grave e chamar meu pai, que saiu do sofá impaciente. E eu vendo o jogo, mas aqui ouvia, “Alguma coisa grave aconteceu”. Meu pai voltou e sentou-se no sofá. E meu pai que era um homem fumante, mas fumante de hábitos moderados, fumava cinco, seis cigarros por dia, fumou três ou quatro cigarros em seguida. E o Brasil empatou o jogo. Gol do Rivelino, do Corinthians do meu pai e meu. E ele não comemorou. E eu não entendi. Terminado o jogo, ele me pegou pelo braço e disse: “Juca, vamos para a casa do seu tio porque o Norberto morreu”. E nós fomos. O caminho era curto. Era a casa, não do meu tio Nêdi, sogro do Norberto, pai da

Ia, o tio Nêdi ia para a casa do meu tio Adib. Meu padrinho de batismo como eu sou da Marta, tio Adib, tia Zeni. E no caminho, um quarteirão e meio, a vizinhança estava na rua, comemorando, festejando a vitória do Brasil. O Brasil ganhou o jogo de 4X1. E eu tive ódio, eu me lembro. Eu tive ódio das pessoas que estavam comemorando. Dizendo: “Tem um jovem brasileiro, um patriota, que foi morto. Está morto. E as pessoas estão na rua”. Para a minha sorte, alguma coisa bateu na minha cabeça e eu confesso a vocês, menos de um mês depois, eu estava na rua comemorando o tricampeonato do Brasil. Eu soube fazer a distinção entre uma coisa e outra coisa.

Mas naquela noite, na casa do meu tio Adib, eu prometi para mim mesmo que eu ia matar o Fleury. Porque, claro, o Fleury era – e a Marta fez muito bem de lembrar, não é, infelizmente a nossa esquerda esquece com alguma frequência o que foi a ditadura do Vargas – o Fleury era o Filinto Müller da minha geração. E eu falei “Eu vou matar o Fleury”.

Eu me aprofundei na minha vida na ALN, mas logo depois o Toledo foi morto, acabou a ALN, eu entrei para o Partidão, era até uma coisa assim meio de rendição, não é? Ir para o Partidão, ir pela via política e não mais pela luta armada. Mas eu continuei com a ideia de que um dia, talvez, o Fleury passasse pela minha frente, e eu o atropelasse.

Mas antes disso, no dia 1º. de maio de 1969, no de... de 1979, no estádio de Vila Euclides, eu com o microfone na mão, animando o comício do Dia do Trabalho, anunciando conjuntos sertanejos, Djalma Bom, então secretário do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo, vai nas minhas costas e diz: “Juca, anuncia a morte do Fleury”. Eu falei: “Como?”, ele disse: “O Fleury morreu afogado em Ilhabela, depois te dou os detalhes”. E eu pedi silêncio, o estádio apinhado, as pessoas na frente do palanque, e disse: “Eu tenho uma ótima notícia para dar a todos, acaba de morrer o torturador Sérgio Paranhos Fleury. E o estádio da Vila Euclides veio abaixo. Tirem da minha cabeça que não fui eu que matei o Fleury. Temos aqui terapeutas, psiquiatras, psicólogos... Adriano, eu matei o Fleury. (Palmas.)

E aí, para terminar, eu quero dizer o seguinte: eu gosto de repetir muito uma frase do Darcy Ribeiro que é: “Eu me orgulho das minhas derrotas”. A gente perdeu muito, a gente perdeu perdas irreparáveis. Norberto é uma delas, Vladimir Herzog é

outra, Manuel Fiel Filho, tantas, tantas, tantas, tantas, e houve quem falasse em “Ditabranda”.

Sempre que eu estou em ocasiões como esta, e que alguém vem me ouvir, perguntar qual é o meu sentimento, da alegria, da homenagem, do reconhecimento, eu não consigo disfarçar e não dizer o seguinte: é tudo muito necessário, tudo deve continuar, devemos ir até o fim sem esmorecer, enquanto houver alguma coisa a ser esclarecida na história recente desse país. Se vamos ter forças para punir esses canalhas ou não, é um outro passo. Primeiro vamos tratar de identificá-los um a um. E a gente tem uma história recente para nos demonstrar que é possível que a gente consiga inclusive puni-los, a cada etapa que a gente vencer. Agora, por mais que eu entenda e que eu compartilhe da alegria de cada passo que a gente dá e de cada processo que a gente encerra, eu quero dizer para vocês que o meu sentimento maior é sempre de tristeza, infelizmente. Até hoje eu não consegui ser diferente. Eu queria ter estado semana passada na casa do vovô Norberto, com as netas Cléo e Sosô, festejando o seu 73º aniversário dele. Ele era para estar aqui com a gente. Como hoje eu posso comemorar os meus aniversários com as minhas duas netas menores, a Luiza e a Julia. Eu não perdoo quem impediu que o Norberto festejasse o 73º aniversário dele, com as netas dele e com a filha dele. Não perdoo. Muito obrigado. (palmas)

PRESIDENTE ADRIANO DIOGO – PT – Alguém mais? Parabéns, Juca, maravilhoso. Agora podemos encerrar, não é? *Tá bom.*

A sessão está encerrada, muito obrigado.

* * *